

## Na Belém da *belle époque* da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares

Geraldo Mártires Coelho

O que no léxico da História Cultural ficou configurado como *belle époque* indica um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, mas também materiais e políticas, desenvolvidas no interior de um *corpus* reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial no final do século XIX. Em nome da identidade de um tempo cujos sujeitos sociais emergiram das novas condições econômicas e sociais dominantes no mundo do capital, a *belle époque* implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, construídos em escalas diferenciadas nos espaços hegemônicos da cultura burguesa, reproduziram-se, em escala planetária, também na condição das formas de ser e de agir em tempos que abrigavam o proclamado triunfo do Progresso e da sua homologia, a Civilização.<sup>1</sup>

A mitologia da *belle époque* foi expressiva e enraizada o bastante para construir suas representações e mundializá-las. Nesse sentido, Paris emerge, no final do século XIX, na condição de uma grande e poderosa metáfora, espaço-síntese de uma forma de vida requintada, elegante, culta e civilizada. Os mecanismos e os comportamentos da sociabilidade burguesa produziram, assim, imagens de uma Idade de Ouro da vida social, cujas vias e veias de circulação orgânica eram os *boulevards* de Paris. A *belle époque*, em última análise, edulcorou a dramática dialética da revelação e do encobrimento, da aparência e da essência, no limite em que, segundo o pensamento marxista, tudo o que era sólido se evaporava no ar na Paris *fin de siècle*.<sup>2</sup>

Os valores, os códigos e os rituais da cultura da *belle époque*, na condição de teatro da civilização, espalharam-se, em maior ou menos escala, pelas sociedades contemporâneas. Paris, Lisboa, Buenos Aires, São Petersburgo, Viena,

<sup>1</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*.

<sup>2</sup> WEBER, Eugen. *França fin de siècle*.

Belém e Manaus, cidades de topografias sociais e físicas distintas, integravam-se ao circuito mundial da cultura burguesa, na medida em que abrigavam elos da cadeia mundial do mercado. A cultura burguesa da *belle époque* transitava pelos mesmos canais da circulação das mercadorias, dos capitais e dos bens de produção, o que implicava bem definir o sentido da mundialização da economia capitalista e do capital simbólico da cultura burguesa.

A *belle époque*, entendida como manifestação da Idade de Ouro da cultura urbana da burguesia contemporânea, e cujos quadros tradicionais, como visto, remetem para a Paris do final do século XIX e começo do XX, sempre foi um domínio visitado pela narrativa social brasileira. As próprias transformações urbanas de cidades como Belém e Rio de Janeiro no mesmo período foram tratadas como dimensões especulares da *belle époque* matricial, parisiense, nas latitudes sociais e mentais do trópico brasileiro.

A leitura da crônica de um Olavo Bilac e de um João do Rio, para a jovem Capital Federal vivendo a sua *belle époque*,<sup>3</sup> e mais a visitação às práticas culturais de suas elites sociais como um todo,<sup>4</sup> assim como a leitura de um Humberto de Campos<sup>5</sup> e a de um Eustáquio de Azevedo,<sup>6</sup> para Belém do Pará, revelam que seus autores acreditavam que os valores essenciais da cultura e da sociabilidade urbana e burguesa da Paris *fin de siècle* haviam sido transpostos para as cidades brasileiras em causa.

O Rio de Janeiro, Belém ou ainda Manaus,<sup>7</sup> mas não o Brasil como um todo, *civilizam-se*, parodiando o jornalista Figueiredo Pimentel, um dos arautos da *belle époque* e da cultura dos *boulevards* do Rio de Janeiro, e cuja coluna, “O Binóculo”, publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, fizera-se o leme da burguesia comercial da Capital Federal no início do século XX. E *civilizar* o Rio de Janeiro, como também ocorrera em Belém um pouco antes, era montar e manter um teatro que procurava deixar para trás o que de português e arcaico sobrevivia nos cenários dessas metrópoles.

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

<sup>4</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*.

<sup>5</sup> CAMPOS, Humberto. *Carvalhos e roseiras*.

<sup>6</sup> AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica: poetas paraenses*.

<sup>7</sup> DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus: 1890-1920*.

Esse aforismo – *civiliza-se* – pretensamente histórico atravessou décadas do pensamento social brasileiro, da mesma forma como alimentou, no país, um forte imaginário acerca de um progresso e de uma civilização que aqui se estabeleceram na condição de universais. O natural pendor dos nossos homens de letras e de nossos artistas teria conseguido produzir, em solo cultural tão diversificado, a ambiência social e mental de cidades como Paris, Viena, Lisboa, São Petersburgo, vitrines das proclamadas, e assim cultuadas, conquistas do Progresso e da Civilização.

Desde os anos finais do Império que a europeização e o branqueamento do Brasil, pensados como imagens e decorrências do Progresso e da Civilização, assumiram, por força de uma identidade discursiva, a face visível e relevada da nação brasileira. Compreensível, portanto, que para as mentalidades das elites urbanas do Brasil, a *belle époque* coroasse o empenho histórico para a construção do país real, cujas estruturas fundadoras encontravam-se no país imaginário. Da Natureza passávamos à Cultura, chegávamos à História. E História, nesse sentido, implicava, como antes foi referido, o Progresso e sua homologia, a Civilização, cenários materiais e materializados, mas densamente simbólicos em sua dimensão e representação discursiva, onde atuava e construía a sua identidade o novo homem civil.

Mais recentemente, nos domínios da História Social, da História Cultural e da Literatura, a *belle époque* brasileira, suas linguagens simbólicas e suas representações sociais, como anteriormente salientado, têm sido objeto de uma nova leitura. Tanto em termos do Rio de Janeiro como de Belém e de Manaus, cenários referenciais do *civilizar-se* brasileiro na passagem do século XIX para o XX, a *belle époque* passa a domínios outros do pensamento social. Essa passagem, claro está, processa-se em vários planos, na medida em que o universo visitado abriga campos formalmente diferenciados da sua orgânica, ainda que, de um modo ou de outro, digam respeito às formas e representações com que o capitalismo industrial e a cultura burguesa mundializaram-se.<sup>8</sup> No caso da Amazônia, revisitar a *belle époque* das grandes capitais regionais implica, em última análise, mergulhar em domínios da história regional por muito tempo encobertos pela própria *fácies* do seu discurso fundador. Somente pelas vias de

<sup>8</sup> ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*.

um outro discurso, o da problematização da genealogia narrativa da *belle époque* amazônica, será possível manter em aberto o passado recente da sociedade e da cultura regionais.

\* \* \*

Numa das mais conhecidas passagens do *Manifesto Comunista de 1848*, Marx e Engels, a propósito do poder de subversão da economia capitalista, e de modo a realçar a dissolução das bases materiais e mentais da tradicional sociedade europeia, diziam que, diante do avanço do modo de produção do capitalismo industrial e das novas relações sociais de produção, “tudo o que era sólido se evapora no ar”.<sup>9</sup> A definição da era do capital industrial, do capital financeiro, significava, também, diria Eric Hobsbawm, a construção de uma nova era, mundializada enquanto poder e cultura, a era dos impérios.<sup>10</sup> No léxico histórico, império implica o sentido de mundialização, tomando-se os exemplos clássicos do império macedônico e do império romano, mundializações do poder material e do poder cultural da Macedônia e de Roma na Antiguidade. Ainda na Idade Moderna, a expansão ultramarina ibérica produziu outra leva de mundialização do poder material do mercantilismo e do poder cultural das sociedades luso-hispânicas da Europa, processo de hegemonia, de mediação e de síntese desenvolvido na longa duração entre as culturas envolvidas na sua historicidade.<sup>11</sup>

No caso da mundialização dos processos inerentes ao modo de produção capitalista industrial – fontes de matérias-primas, mercados, mão de obra e suporte do capital financeiro – seu desenvolvimento ocorreu sobre realidades sociais e figurações históricas já incorporadas à dinâmica da economia europeia moderna desde a era do Mercantilismo. Por conta dessa agregação de condições materiais e culturais já historicamente consolidadas, no caso específico da *belle époque*, a expansão, a mundialização da cultura burguesa a partir dos centros hegemônicos do capital foi mais dinâmica e abrangente. Pelos canais de circulação do capital circulava, igualmente, o discurso do Progresso e da Civilização, na forma das

<sup>9</sup> LASKI, Harold J. *O Manifesto Comunista de 1848*, p. 96.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*.

<sup>11</sup> GRUZINSKI, Serge. *Lês quatre parties du monde: histoire d’une mondialisation*.

muitas representações assumidas por esse mesmo discurso, inclusive as próprias do seu capital simbólico.

Por isso mesmo, nos quadros da *belle époque* elevar-se-ia um proclamado culto às artes em geral, em particular à literatura, à música e à cena lírica, pois novas linhagens estéticas estarão presentes nas agremiações e associações literárias e musicais. O cuidado com a indumentária e o gestual, e as manifestações exteriores do bom gosto serão a razão de ser do *dandy* que dominará os cenários urbanos. Mas não só! Também sobressairá o ideal da cidade planejada, limpa e higiênica, o encobrimento da pobreza e da mendicância, a sociabilidade mundana. Mesmo com a presença da mendicância, como na Paris de Baudelaire, os sujeitos sociais da *belle époque* investirão no sentido de reservar os centros da vida urbana e mundana para si.

Essa forma e esse modelo de um novo viver transformam-se no ideário da cultura do homem civil do final do século XIX. Sepultadas as revoluções e superadas as descontinuidades produzidas pelos processos revolucionários na Europa contemporânea, retomava-se à historicidade do tempo histórico, diacrônico, historicista, finalista e utópico. Todo esse grande cenário é, em síntese, o caleidoscópio dos signos e dos ritos que alimentaram o mito da *belle époque* como representação da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do sujeito histórico que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados.

Existiu uma *belle époque* na Amazônia? A resposta a essa pergunta implica um feixe de problemas conceituais e empíricos com que se defrontam os historiadores brasileiros em geral e os amazônidas em particular. Afinal, a mesma questão aplicar-se-ia ao Rio de Janeiro do final do século XIX e começo do XX, quando, já foi anteriormente referido, a cidade, a Capital Federal, aos olhos da sua burguesia, do poder público e dos seus homens de letras, enfim, *civilizava-se*. A indagação, em si mesma, é uma daquelas arguições cujas respostas buscadas avançam problematicamente no sentido de iluminar um dado recorte da história recente da Amazônia. Se, por questão de aceitação de um léxico aplicado à leitura das realidades culturais, sociais e materiais pelas quais passou a Amazônia da borracha, e forçando-se uma correlação com os cenários da Europa do capitalismo industrial, da cultura e da sociabilidade burgueses do final do século

XIX e inícios do XX, admite-se, por transposição e adequação terminológica, que a Amazônia de então viveu a sua, repita-se, a sua *belle époque*.

Se, no entanto, por *belle époque* forem considerados apenas os quadros históricos da Belém *fin de siècle*, com as formas de sua sociabilidade urbana e com os ritmos de seu consumismo, perde-se de vista o complexo de transformações que a Amazônia começou a sofrer finda a primeira metade do século XIX. Bens de consumo e bens culturais de Paris já estavam presentes no cotidiano de Belém; a navegação a vapor pelo Amazonas, nascida em torno de Mauá e sua Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas (1852), iniciou a interiorização dessa nova etapa do cotidiano econômico e social no Pará.<sup>12</sup> Viajantes e cronistas estrangeiros por aqui passados a essa altura, como o naturalista inglês Henry Walter Bates, chegado ao Pará em 1848 e aqui permanecendo até 1859, admiravam-se com a presença, em Belém e Santarém, de bens e valores da cultura francesa do então Segundo Império.

Significativo, nesse sentido, o fato de Bates, achando-se em Santarém, em 1854, fosse abordado pelo frequentador de um sarau com a seguinte pergunta: “de que lado do rio Paris fica situada”?.<sup>13</sup> O fato em si mesmo adiante, como será melhor trabalhado em outra passagem, evidencia que não existe um tempo formal da *belle époque*, tratando-se, no caso, dos contatos da Amazônia com o que a cultura da França já mundializava no Segundo Império. No final do Oitocentos, novos registros seriam produzidos sobre os franceses na Amazônia, precisamente num momento em que as representações da *belle époque* da Belém da borracha, contingenciadas e condicionadas a Paris, haviam disseminado em meio às elites do látex o consumo de bens procedentes, agora, da França republicana.<sup>14</sup>

A navegação a vapor, antes mesmo da abertura do Amazonas à navegação internacional em 1867, foi um fator crucial para a progressiva redefinição das bases da economia e da cultura amazônicas. Depois, vencidas as barreiras que impediam a franquia dos Amazonas à navegação internacional, esse processo ganhou uma outra e mais demarcada dinâmica. Se, do ponto de vista econômico, a exportação do látex e a importação de bens de consumo europeus ganharam

<sup>12</sup> SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia: 1800-1920*, p. 55 e s.

<sup>13</sup> BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*, p. 143.

<sup>14</sup> COUDREAU, Henri. *Les français en Amazonie*.

nova dimensão, o mesmo ocorreu quando a questão é observada pelo prisma da sociedade e da cultura. No anteato da *belle époque* da borracha, membros de famílias abastadas do Pará e do Amazonas partiam em viagens para a Europa, geralmente para estudar, enquanto europeus interessados no mercado amazônico chegavam aos desembarcadouros de Belém.

Em 1859, no ano em que Bates deixava o Pará e a Amazônia, um outro viajante europeu peregrinava pela região: o médico alemão Robert Avé-Lallement. A exemplo de Bates, Avé-Lallement, em seu livro *No Amazonas*,<sup>15</sup> notou que homens e mulheres do Pará vestiam-se à francesa, e que cultivavam uma sociabilidade com fortes marcas europeias, como o piano nas casas e o gosto pelo canto e pela dança. É possível assegurar, assim, que apenas iniciada a segunda metade do século XIX já era visível a presença cultural francesa na Amazônia, anunciando, por assim dizer, a chegada da *belle époque*, conduzida, entrados os anos de 1870, pela mundialização do consumo do látex.<sup>16</sup> Observada a questão pela lógica da expansão do capitalismo industrial e da cultura da sua burguesia, enfatizava o discurso sustentador desse processo especular que em marcha estavam o Progresso e a Civilização.

A percepção dos extremos desse arco é que permite, em última análise, que o observador não caia nas muitas armadilhas instaladas pelo reducionismo histórico e sociológico, principalmente no tocante à ideia de que a *belle époque* amazônica manifestou tão somente um mimetismo imediato e imediatista. Seria como se, de um momento para outro, segmentos da sociedade finissecular de Belém, de Santarém e de Manaus descobrissem nas lojas de suas cidades um conjunto de produtos diferentes, estranhos, e que os passassem a usar porque vieram de um lugar misterioso, desconhecido e exótico chamado Paris...<sup>17</sup> E que os cafés e os teatros parecessem fantasmagorias surgidas do encantamento da floresta...<sup>18</sup>

Ora, na lógica dos processos culturais, as relações entre as linguagens e as representações do *eu* e do *outro*, tratando-se da presença francesa na Amazônia da

<sup>15</sup> Apud DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*, p. 35.

<sup>16</sup> COELHO, Geraldo Mártires. Anteato da *belle époque*: imagens e imaginação de Paris na Amazônia de 1850, p. 199-215.

<sup>17</sup> AFFONSO, João. *Três séculos de modas*.

<sup>18</sup> DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*, p. 29.

primeira metade do século XIX, foi uma relação de ajustes entre mundos sociais dominados, em princípio, por disjunções. Tratando-se da Amazônia e do seu *lugar* correspondente na cultura brasileira naquele contexto, a cultura que depois se afirmaria com a *belle époque*, reconhecidamente francesa, “foi constituída na malha de uma enorme variedade de trocas criadoras de concretudes históricas, narrativas e imagens”. Tal processo, como não poderia deixar de ser, imprimiria à *belle époque* amazônica, haja vista a então realidade cultural brasileira, “uma fisionomia singular no que concerne às dimensões culturais, políticas e estéticas” visíveis na Belém da borracha.<sup>19</sup>

À medida que a borracha subia de importância e de cotação no mercado internacional, mais a Amazônia se integrava, pelas vidas das relações de dependência, aos centros hegemônicos do capitalismo industrial e financeiro. E as vias de circulação do capital seriam as mesmas de circulação do capital simbólico, vale dizer, da cultura burguesa em acelerado e amplo processo de mundialização. É bom repetir observação anterior relativamente ao que escreveram Marx e Engels, em 1848, no *Manifesto Comunista*, a propósito do poder de subversão do capitalismo: *tudo que era sólido evaporava no ar*. Nesse sentido, já a Belém de 1850 acusava, nos panoramas da cultura e da sociabilidade urbana, que elementos e valores das formas antigas da cultura lusitana, tratando-se de uma representação de suas elites comerciais, começavam a desmanchar. Como foi salientado anteriormente, segmentos da sociedade local vestiam-se, divertiam-se e comportavam-se à francesa...

Desse ponto de vista, portanto, não há como negar que Belém e a Amazônia como um todo conheceram a sua *belle époque*, entendida, é claro, como manifestação e representação de padrões da cultura burguesa que se mundializava, numa nova etapa, a partir dos anos de 1850. É pedagógico lembrar as palavras do príncipe Albert, na abertura da Exposição Internacional de Londres, em 1851, cujo emblema maior foi o Palácio de Cristal: as conquistas do Progresso e as realizações da Civilização serão levadas aos quatro cantos do mundo.<sup>20</sup> É o caso, então, de se perguntar: seria a *belle époque* qualquer coisa de diferente do que vaticinara na capital britânica o marido da rainha Victória? Não necessariamente, mesmo

<sup>19</sup> VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*, p. 35.

<sup>20</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, p. 223 e s.



observando-se, por exemplo, que alguns dos ícones da sua representação eram bens de consumo franceses que, viu-se em passagem anterior, nos mesmos idos de 1850 já circulavam na Amazônia. Tomando-se, contudo, a *belle époque*, mesmo a amazônica, como espelho do Progresso e da Civilização, seus processos, reais e simbólicos, fundam-se sobre um mesmo tempo e uma mesma cultura.

Insista-se na questão levantada em passagens anteriores, relativamente ao fato de a Amazônia ter conhecido ou não a *belle époque*. O essencial nesse processo não é a migração/transposição dos valores, representações, linguagens e rituais da cultura da burguesia europeia. Antes, é preciso perceber em que medida a sociedade local, os seus segmentos cultos e letrados, sentiam-se como partícipes do processo de construção dos cenários materiais e mentais que abrigaram as formas do Progresso e da Civilização aqui chegados. Caso contrário, a *belle époque* seria apenas uma metáfora, um complexo processo de mimese, o que realmente não aconteceu. Veja-se, nesse sentido, o grande inventário de imagens realizado na obra *Belém da Saudade*.

O sentido de pertencimento a um tempo entificado e mítico, transformando o sujeito singular em cidadão do mundo, em homem da modernidade, sintonizou e enquadrou os nossos intelectuais, os nossos homens de letras no interior do painel maior da cultura da Europa *fin de siècle*. Um Olavo Bilac, um João do Rio, um Figueiredo Pimentel, no Rio de Janeiro, um Augusto Montenegro, um Justo Chermont, um Eustáquio de Azevedo, em Belém do Pará, sentiam-se como sujeitos de uma cultura – e como construtores culturais – matricialmente fora do lugar, mas legitimada pela genética social da sua orgânica originária. E a matriz, o fenômeno especular desse processo, como já mencionado, era a Paris *fin de siècle*,<sup>21</sup> cuja apropriação, reprodução e adaptação de suas linguagens contagiou as elites da capital do Pará.

Era preciso, pois, criar condições para que os compostos dos processos civilizacionais europeus pudessem florescer em latitudes culturais outras. Veja-se, por exemplo, que o argumento político legitimador de um teatro lírico no Pará e no Rio de Janeiro, mesmo com décadas de diferença nas manifestações favoráveis a um e a outro, foi o mesmo: a música e a cena lírica andavam a par com a civilização... Arguir a lógica do discurso dos intelectuais da *belle époque* para-

<sup>21</sup> SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830-1930*.

ense e conhecer a constituição e a funcionalidade das práticas institucionais por eles desenvolvidas ou das quais foram partícipes, significará também conhecer a identidade e a visão de mundo do sujeito do Progresso e da Civilização criado pela mundialização da cultura, e tribuno do grande e planetário discurso da modernidade burguesa.<sup>22</sup> Para um país que saíra da condição colonial/imperial, e que convivera com a escravidão até 1888, *progredir* e *civilizar* proclamavam discursos de grande produtividade política, institucional e, claro, estética.

Lançar o olhar sobre a *belle époque* em Belém é retomar antigos percursos da memória histórica, da memória coletiva e do próprio discurso da história. Diferenças substanciais assinalam as formas e os lugares dessas narrativas, ainda que, como será depois arguido, um mesmo veio, um mesmo fio pareça conduzir o corpo dos muitos discursos construídos sobre a Belém que viveu o *boom* da borracha amazônica e conheceu representações da cultura urbana e da sociabilidade deflagradas pela mundialização dos padrões e dos ritos culturais da burguesia europeia *fin de siècle*. O impacto das mudanças processadas no cotidiano urbano da Belém que passava do século XIX para o XX foi poderoso o bastante para gerar a necessidade de narrá-lo.<sup>23</sup> E essa narrativa, observe-se mais uma vez, deu-se também na forma da imagem, nas fotografias e nos cartões postais que procuravam capturar e congelar as visões radiantes da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização,<sup>24</sup> inclusive do requinte da decoração das moradias da elite da borracha.<sup>25</sup>

Não há dúvida a respeito da importância dos jornais para a memória mundana da *belle époque* em Belém, principalmente pelos caminhos da crônica e dos registros que factualizavam a sociabilidade urbana. Nas páginas dos periódicos *A Província do Pará* e *Folha do Norte*, ambos já circulando na capital do Pará no final do século XIX e, à época, jornais tecnicamente modelares dentre os poucos existentes na imprensa brasileira, é possível flagrar frações do discurso dos sujeitos civilizacionais da *belle époque* da borracha. Lojas, cafés, teatros, moda, tertú-

<sup>22</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova: a morte bela de Carlos Gomes*.

<sup>23</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a belle époque: 1870-1912*.

<sup>24</sup> CASTRO, Fábio. Cartografias da modernidade de Belém: a memória da Belém do início do século em cartões-postais, p. 23-27.

<sup>25</sup> BASSALO, Célia. *O art nouveau em Belém*.

lias, conferências, exposições, e mais, é claro, a exaltação da cidade urbanizada e saneada aparecem na condição de grande quadro, de poderoso panorama do cotidiano de uma capital tocada pelas várias representações de um novo tempo, como a história vem reconhecendo.<sup>26</sup> A imprensa periódica de Belém da época, e mais os jornais de agremiações e de associações profissionais inventariavam, por assim dizer, os lugares, as formas e os sujeitos que emprestavam uma dada visibilidade à *belle époque* de Belém.<sup>27</sup>

Da *débâcle* da economia da borracha, nos anos de 1910, aos dias de hoje, a Belém da *belle époque* conheceu visitas esporádicas da pesquisa histórica, no mais das vezes nos domínios da história econômica e não nos campos da história cultural. Nesses casos, o olhar do historiador estava mais claramente voltado para a cadeia produtiva do látex e para os mecanismos de financiamento, comercialização e circulação do produto. A cidade modelar da civilização tropical era, em essência, a praça comercial, seus bancos, suas casas importadoras e exportadoras, seus estabelecimentos de crédito, seu variado comércio e sua capacidade de alimentar os tentáculos que levavam o comércio ao seringal e traziam o seringal ao empório urbano da capital.<sup>28</sup>

\* \* \*

Entre o final dos anos de 1990 e o começo dos anos de 2000, não apenas as incursões da história econômica da Amazônia contemplavam, na condição de componente do seu objeto científico, leituras e olhares para a sociedade e a cultura que se desenvolveram ao influxo do extrativismo da borracha e da cadeia da sua comercialização. Em outras palavras novas abordagens foram construídas de modo a escapar aos modelos de análise antes reinantes e, assim, privilegiar os domínios da cultura, da sociabilidade e do cotidiano dos grupos sociais. Essas leituras privilegiaram principalmente um grande domínio da Belém da

<sup>26</sup> Cf.: MEIRA FILHO, Augusto. *Antônio José de Lemos – o plasmador de Belém: em defesa de um nome*; SALLES, Vicente. *A música e o tempo no Grão-Pará*; SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*.

<sup>27</sup> BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*.

<sup>28</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*.

*belle époque*, um domínio de grande visibilidade e elevado significado como discurso: as práticas intelectuais e suas relações sociais e políticas.

O grande e recente investimento histórico e historiográfico na *belle époque* amazônica, em que pese os novos problemas e as novas abordagens que propõe, concentrou a sua abordagem, como antes foi salientado, sobretudo nos cenários e nas paisagens sociais e culturais urbanas das cidades que o Progresso e a Civilização fizeram despontar em meio à floresta tropical brasileira. Essas leituras revelam-se na condição de novos artefatos teóricos, metodológicos e empíricos, e seus movimentos, repita-se, não giram necessariamente em torno de uma mesma órbita, a dos compostos físicos e espaciais das capitais da *belle époque* amazônica. Tal contingência impõe-se pela própria natureza da estratégia teórica e metodológica construída por seus autores. Assim exige o diálogo que eles alimentam com o passado, recriando quadros e leituras, o que em momento algum desautoriza ou compromete o objeto enquanto identidade epistemológica.

De qualquer modo, as leituras econômicas da Belém e da Amazônia da borracha marcavam um avanço narrativo significativo comparativamente às crônicas meramente mnemônicas e saudosistas que, por vezes, pontuavam em publicações do gênero. Trata-se, como já foi mencionado, da cidade urbanizada, saneada, dotada de grandes equipamentos urbanos, vale dizer, a cidade metaforicamente considerada como organismo gestado pelo Progresso e pela Civilização, e cujo conjunto de representações encontra-se na Belém do intendente Antônio Lemos (1897-1912) e na Manaus do governador Eduardo Ribeiro (1892-1906), cidades, adiante-se, cuja intervenção do Estado foi também disciplinadora e segregadora no sentido de manter os seus respectivos centros como espelhos civilizacionais e civilizadores, espaços fechados ao *atraso* e à *barbárie*.

Para além das realidades materiais e políticas da *belle époque* da borracha, há registros narrativos da Belém do látex que procuram recuperar e dialogar com o epicentro da cultura letrada e mundana da então capital do Pará. Homens que viveram as realidades intelectuais e sociais da Belém do látex deixaram registros expressivos de um tempo em que eram eles sujeito e objeto. Nomes como Humberto de Campos, Theodoro Rodrigues, Eustáquio de Azevedo, Paulino de Brito e João Lúcio de Azevedo – para citar apenas um pequeno número de homens de letras da Belém *fin de siècle* – produziram uma crônica, uma memória, um registro textual de modo a exaltar o tempo social em que viviam, eles, repita-se,

sujeitos do Progresso e da Civilização.<sup>29</sup> De que modo, contudo, esses universais comparecem e reproduzem os seus pressupostos no discurso dos *gens de lettres* da *belle époque* da Belém da borracha? Responder a essa arguição significa lançar o olhar para além das avenidas, jardins, serviços públicos, urbanização, precisamente a face externa e mais reconhecida da Belém que viveu, para lembrar expressão da época, as *folies du látex*.

Nesse sentido, parece evidente que muitos podem ser os percursos em direção às mentalidades da Belém da *belle époque*. Alguns desses percursos já foram apontados em itens anteriores, e dizem respeito aos muitos retratos, aos vários exteriores da capital paraense nos anos de ouro da economia do látex. Foi referido, entretanto, que muitos homens de letras da Belém da borracha viveram a condição de intelectuais do tempo do Progresso e da Civilização, cujos discursos mais claros estavam nos equipamentos e nas práticas sociais da vida moderna: comunicações, eletricidade, higiene e do saneamento urbanos, navegação a vapor e atividade intelectual reflexiva dos novos tempos. Para tanto, esses homens de letras, *au delà de la vie de bohème*, fundaram e mantiveram associações culturais e produziram um dado tipo de narrativa que pretendiam fosse especulares relativamente às matrizes intelectuais da Europa, leia-se, da Paris, e cujos espectros a borracha parecia haver deslocado como fantasmagorias tropicais.

Explicando melhor, a Belém que caminhava para o final do século XIX e início do XX conheceu e conviveu com um mosaico de associações culturais, literomusicais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações culturais de profissionais do comércio, e mais um bom número de jornais e de revistas nascidos como veículos dessa ação dos escritores locais, alguns dos quais no interior dessas agremiações.<sup>30</sup> A maior parte desses pequenos grêmios de homens de letras e suas respectivas publicações, como abaixo ficará registrado, tiveram vida rápida e fugaz, mas nem por isso deixaram de ser importantes como espelhos a refletir a relação entre exterior e interior da Belém da *belle époque*, entre a cidade moderna e a rede de micro-organismo da sua sociabilidade urbana e intelectual. Registre-se, no tocante às associações musicais, que muitas delas

<sup>29</sup> AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica*, p. 21 e s.

<sup>30</sup> DUQUE ESTRADA, Osório. *O Norte: impressões de viagem*, p. 12-81.

atuaram em municípios do interior do Pará, cultuavam, não raro, Carlos Gomes, e mantinham um expressivo papel para a sociabilidade local.<sup>31</sup>

Dentre as muitas agremiações intelectuais atuantes na Belém que vencia o Oitocentos e chegava aos anos iniciais do século XX, estavam as seguintes: *Oficina Literária*, *Club Coelho Neto*, *Apostolado Cruz e Souza*, *Grêmio Estudantino Paraense*, *Grêmio Literário Fagundes Varela*, *Escola Literária Antônio Lemos*, *Oficina das Letras*, *Cenáculo dos Novos* e *Sociedade dos Homens de Letras do Pará*, *Centro Literário Amazônico*, *União Estudantina Gonçalves Dias*, *Galeria de Letras Rio Branco*, *Sociedade de Homens de Letras do Pará*, *Escola Literária Olavo Bilac* e, ainda, a *Academia de Poetas Paraenses*.<sup>32</sup>

Algumas das associações de intelectuais da Belém da *belle époque* tiveram vida mais ou menos longa, enquanto que outras, principalmente as que mantiveram relações sociais e institucionais com o Estado e valeram-se da legitimação oficial e contaram com o mecenato oficial, venceram e afirmaram-se, com suas legendas acadêmicas, sobre o tempo histórico. Essas agremiações, ainda que de domínio privado, contariam em seus quadros sociais com alguns dos nomes-chave do aparelho de Estado, e assim transformavam-se, pelo processo do *habitus de classe*, em agências ao mesmo tempo orgânicas e reflexivas da cultura e da política cultural públicas na Belém que fechava o século XIX e chegava ao XX. Foi o caso, em Belém, do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Academia Paraense de Letras, associações abertas em 1900 e que reuniram em seus quadros sujeitos sociais reconhecidos, formando um colegiado não necessariamente de homens de letras *tout court*, segundo uma mais precisa significação de escritor.

As revistas literárias, igualmente efêmeras, não deixavam, por isso mesmo, de projetar o próprio estilhamento da modernidade. Eram, pois, veículos, espelhos, mesmos, de exibição das imagens de um tempo de rapidez e de velocidade, e que se processava igualmente no mundo das ideias. *O Ateneu*, *A Alvorada*, *A Revista*, *O Lábaro*, *Boemia Literária*, *O Pará Moderno*, *O Parnaso*, *O Extremo Norte*, *O Boêmio*, *Pará-Revista*, *O Ideal*, *A Voz Literária*, *A Revista do Equador*, *O Pará Moderno*, *A Revista Acadêmica*, para não alongar mais a lista, inscreviam-se, dentre outros títulos, nessa frenética participação dos escritores paraenses na invenção/

<sup>31</sup> SALLES, Vicente. *Sociedades de Euterpe*, p. 99 e s.

<sup>32</sup> AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica*, p. 32-33.

revelação de um organismo intelectual anunciador de uma Amazônia inscrita no interior dos quadros da mundialização da economia e da cultura, espaço da Civilização e do Progresso.<sup>33</sup>

A exemplo do que depois seria observado na *belle époque* do Rio de Janeiro, onde livrarias como a Garnier e a Laemmert ofereciam aos homens de letras títulos chegados da Europa, além de representarem locais de reuniões em torno de escritores como Machado de Assis, em Belém duas grandes livrarias respondiam pelos anseios literários da elite intelectual da borracha: a Tavares Cardoso e a Clássica. No primeiro desses estabelecimentos, quando cidadão da imigração portuguesa no Pará, trabalhou – depois tornando-se seu proprietário – João Lúcio de Azevedo, o futuro e grande historiador português da presença dos jesuítas na Amazônia e da vida de Antônio Vieira, e cujo primeiro livro, *Estudos de história paraense*, ele o publicou na Belém de 1893. Entrados os anos de 1910, nesses cenários da capital amazônica do látex ainda peregrinou Ferreira de Castro, também imigrante português, egresso do seringal Paraíso, no rio Madeira, e que, em 1930, em Portugal, daria à estampa o relato da sua experiência na Amazônia, na forma do romance *A selva*.

Também espaços a possibilitar o exercício intelectual por parte dos homens de letras da Belém da *belle époque*, a exemplo do que sucederia no Rio de Janeiro, foram os jornais surgidos na passagem do século XIX para o XX. Os periódicos, de uma maneira geral, dedicavam grandes espaços a artigos e crônicas, com inflexão sobre a literatura e as artes, de que foram exemplos os seguintes títulos: *Gazeta de Notícias*, *Diário do Grão-Pará*, *O Liberal do Pará*, *Diário de Notícias*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *O Condor*, *Ordem e Progresso*, *O Jornal*, *A Tesoura* e *O Pará*. A imprensa cotidiana de Belém, haja vista a sua natureza e o seu poder de atuar sobre os sujeitos sociais da *belle époque* da borracha, possuía, mesmo, jornais ostentando identidades próprias, como o *A Voz do Caixeiro*, o que retratava, por outro lado, a expressão do comércio na capital do Pará do látex.<sup>34</sup>

Em outras palavras, entre 1880 e 1900, as décadas de maior desenvolvimento da economia da borracha, quando Belém era a terceira mais importante cidade

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 32-33.

<sup>34</sup> BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*, p. 247-277.

brasileira, informa o já citado Manoel Barata que um considerável número de jornais identificava-se com a vasta rede da atividade comercial e dos empregados do comércio: *Diário do Comércio*, *Jornal do Commercio*, *O Empregado do Comércio*, *O Caixeiro*, *O Ateneu*, afora aqueles mais diretamente relacionados à comunidade portuguesa da imigração, como *A Colônia Portuguesa* e *O Eco Português*, sem falar ainda das folhas avulsas lançadas aquando de efemérides relacionadas à história de Portugal. Na condição de instrumento de um processo cultural expressivo, a imprensa revelou-se como uma das legendas da contemporaneidade da Belém da borracha.

Os jornais, como já salientado, combinavam, invariavelmente, matéria informativa e seções culturais, e nestas com o visível predomínio da Literatura, História e Ciência. Grande parte das matérias publicadas vinha de jornais franceses e lisboetas, principalmente na forma de artigos que, reproduzidos, fortaleciam a qualidade dos periódicos locais. Com as dificuldades de comunicação e transporte entre o Rio de Janeiro e o Pará, a presença da imprensa fluminense era mais rarefeita em Belém. No caso dos jornais franceses, não custa enfatizar, mais uma vez, que o francesismo, no Pará e no Brasil *fin de siècle*, foi um dos mais nítidos emblemas da afirmação dos segmentos urbanos letrados da sociedade brasileira, sabidamente um processo simbólico de elevada capacidade de diferenciação social no interior de um universo dominado pelos escombros da escravidão.

Obviamente, não era devido apenas ao afrancesamento cultural *tout court* da elite letrada da borracha o fato de as páginas de jornais da Belém do látex abrigarem o positivismo de Comte, a filosofia de Taine ou o socialismo de Proudhon. A fisionomia do jornal/jornalismo de então era propícia ao uso mais elástico de suas páginas para matérias voltadas à problemática científico-filosófica de um Darwin e de um Spencer, as chamadas questões do tempo, além, é claro, da própria atividade literária. Afinal, como evidenciavam os jornais da Europa culta do final do século XIX, várias eram as estratégias para disseminar os fundamentos do Progresso e da Civilização. Nesse caso, a imprensa periódica era essencial, até porque dispunha de forte apelo no cotidiano de capitais como Paris ou Lisboa, exatamente os espelhos onde se miravam os sujeitos sociais da *belle époque* da borracha.

No caso dos jornais portugueses conhecidos na Belém da borracha, e graças, em grande parte, ao papel social exercido pelo Grêmio Literário Português, cujas



portas abriram-se em 1867, ao avançar o século XIX para o seu final, textos de escritores portugueses circulavam na Belém dos periódicos. Àquela altura, saliente-se, escritores portugueses como Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Teófilo Braga, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão ocupavam páginas dos mais importantes jornais brasileiros. Ao observar-se o painel estampado pela imprensa fluminense de então, uma imprensa, como se sabe, francamente controlada pelos portugueses, natural que em Belém do Pará, onde crescera a imigração portuguesa e onde se fortaleceu a comunidade lusitana da imigração, imigrantes lusitanos, muitos dos quais tiveram acesso à alfabetização, passassem a integrar a rede de consumo desse jornalismo.

Uma boa peregrinação pelas páginas da novelística carioca de Lima Barreto revela, com clareza e acidez, a hegemonia exercida àquela altura pelos chamados grandes capitalistas portugueses sobre o jornalismo do Rio de Janeiro, na condição de proprietários dos mais importantes periódicos da Capital Federal. Independentemente da crítica de Lima Barreto ao virtual controle da imprensa da Capital Federal por negociantes lusitanos, dispensa enfatizar o papel que os jornais exerceram na constituição do comportamento cosmopolita dos sujeitos sociais hegemônicos do Rio de Janeiro da *belle époque*. A imprensa, quer em Belém, quer no Rio de Janeiro, revelou-se como um espaço, uma dimensão pública capaz de projetar o valor da ação dos homens de letras do Brasil.

No meio social culto da Belém da borracha, matérias várias de autoria de grandes nomes das letras portuguesas, como os mencionados anteriormente, estavam, como visto, nos jornais da cidade. A imprensa contribuía, assim, para um maior conhecimento da produção literária e da ensaística lusitana em meio ao universo dos homens de letras de Belém, assim como no mundo da imigração portuguesa no Pará, fato que ampliava o espectro da própria leitura e o significado social da sua realização. Como os jornais eram constituídos na condição de empresas, esse processo de circulação cultural, assinalou-se linhas acima, ocorreu também nas principais capitais brasileiras na medida em que o final do século XIX marcou-se pela intensificação das dinâmicas da mundialização da cultura. A aquisição e o consumo da literatura não eram diferentes, enquanto dados da cadeia produtiva, da aquisição e do consumo de produtos manufaturados.

Em 1889, deram-se as efusivas e mesmo cívicas comemorações do primeiro centenário da Revolução Francesa, quando os corações e as mentes das elites letradas da Belém da borracha e das elites urbanas cultas do Brasil como um todo voltaram-se para Paris, a capital do Grão-Pará era uma vitrine. Abertas as portas do Teatro da Paz no ano de 1878<sup>35</sup> e então começada a primeira temporada lírica num teatro de ópera construído no meio da floresta tropical, a civilização cinzelara seu grande espelho, afirmando o poder simbólico de uma cultura que mundializara suas linguagens e suas representações. A ópera, abrigada pelo Teatro da Paz, cujas portas abriram-se em 1878, e de que foi exemplo marcante a produção de Carlos Gomes, a ópera, repita-se, ocupava quase que simultaneamente a cena lírica de Milão, Lisboa, São Petersburgo, Rio de Janeiro e Belém do Pará.<sup>36</sup>

Ao findar a década de 1850, como foi registrado em outra passagem, estabelecimentos comerciais vendiam rendas francesas e livrarias davam a conhecer a literatura de Lamartine.<sup>37</sup> Entrada e avançada a década de 1880, em movimento definido operou-se a construção da rede de espaços que construía e faziam movimentar os comportamentos mundanos. O grande cenário em que seriam representadas as ações do sujeito social do Progresso e da Civilização estava montado, condições para que ganhassem forma as linguagens da sociabilidade urbana da Belém da borracha. Inclusive a definição do patrimônio intelectual de suas elites cultas!

Bancos, casas comerciais, teatros de revista, cafés, agremiações musicais, jornais, grupos de escritores, escolas comerciais compunham a face visível, urbanizada e proclamadamente europeizada de uma cidade que o ritmo da economia do látex agilizava.<sup>38</sup> Nesse sentido, multiplicavam-se os processos de reprodução dos elementos da cadeia mundializada da cultura que a sociedade hegemônica do capitalismo industrial produzira no final do século XIX. Tratava-se, é preciso voltar a enfatizar, daquilo que o discurso do progresso do otimismo burguês apontava como a inevitável e necessária mundialização da civilização e das vantagens que traria para os povos do mundo. Como foi assinalado em passagem

<sup>35</sup> DERENJI, Jussara. *Teatros da Amazônia*.

<sup>36</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova*, p. 19 e s.

<sup>37</sup> COELHO, Geraldo Mártires. Um pouco aquém da *belle époque* ou quando o *Francesismo* se insinua no Pará oitocentista, p. 60-69.

<sup>38</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a belle époque*, p. 47 e s.

anterior, assim proclamou o príncipe Albert, em Londres, na Exposição Internacional de 1851, cujo ícone por excelência foi o célebre Palácio de Cristal.

O consumo das letras francesas, fosse na forma da literatura, da sociologia ou da filosofia – inclusive a filosofia científica – ou ainda o das filosofias científicas inglesas, sobretudo do Evolucionismo, marcou a formação das elites cultas da Belém da borracha. Este é um domínio da *belle époque* amazônica mais difícil de trabalhar, na medida em que implica o tratamento de um bem cultural cuja especificidade, na maioria das vezes, dispõe de registros públicos fragmentados. De qualquer modo, como foi assinalado anteriormente, é possível acompanhar, no registro de jornais de 1850 para frente, referências à chegada a Belém de títulos de uma diversificada literatura francesa, o que certamente explica o fato de alguns dos principais jornais de Belém do final do século XIX contarem com espaços destinados a matérias literárias e científicas. No caso mais visível das letras francesas, de Lamartine a Comte, passando Saint-Simon e Hugo, os círculos letrados da Belém *fin de siècle* mostravam-se fortemente contingenciados pela cultura acadêmica da França oitocentista.

Somente em relação à presença e à força do Positivismo de Comte em Belém, é importante ressaltar que José Veríssimo, residente na capital do Pará entre 1880 e 1884, atuou como doutrinador positivista. Nas páginas de jornais como *Diário do Gram-Pará* e *Gazeta de Notícias*, Veríssimo trabalhou sistematicamente o pensamento comtiano, e as matérias que estampou no segundo desses periódicos serviram de fundamento para a obra intitulada *Emílio Littré*, dada à estampa por ele em 1881. Dois anos depois, e para além da sua linha de reflexão teórica, publicaria José Veríssimo a sua *Revista Amazônica*, saída em 11 números e que, transformada em espaço de exercício intelectual dos nossos homens de letras, circulou até 1884.<sup>39</sup> Entre 1896 e 1897, atuou em Belém a associação cultural *Ordem e Progresso*, reunindo engenheiros, homens públicos e homens de letras. Seu jornal, igualmente intitulado *Ordem e Progresso*, foi página doutrinária e espaço de filosofia política, estampando em seu cabeçalho a máxima doutrinária de Comte: *O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*.

A afirmação do Positivismo em meio aos quadros das elites cultas da Belém do final do século XIX é duplamente reflexiva. Pela ótica política, filtra-se a

<sup>39</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova*, p. 139 e s.

presença da doutrina positivista em meio aos republicanos brasileiros, muitos dos quais fizeram a campanha republicana inspirados nos ensinamentos de Benjamin Constant no Rio de Janeiro, a exemplo de Lauro Sodré. Pelo prisma filosófico, chega-se ao discurso do Progresso na forma pela qual foi redefinido no Brasil do final do Oitocentos, e do qual o mesmo Lauro Sodré, governador do Pará (1891-1897), foi um arauto de grande representatividade. De uma maneira geral, portanto, era bem expressiva a marca do Positivismo na condução do pensamento e das práticas dos intelectuais da Belém da *belle époque* da borracha.

Alguns indicadores podem lançar luz sobre a vida intelectual – incluindo, é claro, a sua dimensão científica – da Belém que atravessou a segunda metade do século XIX. Na medida em que a cultura é um dos níveis, o simbólico, das relações concretas das sociedades entre si, fica evidente o atrelamento do homem de letras da Belém de então às matrizes do pensamento europeu e às leituras que a *intelligentsia* europeia produziu acerca do sentido de Progresso e de Civilização. Afinal, observou-se em passagem anterior, a *belle époque* encarnou e representou o otimismo burguês diante da inevitabilidade do progredir e do civilizar que o tempo das conquistas técnicas e das realizações materiais do capitalismo exaltava.

Na Belém da segunda metade do século XIX, tratando-se de instituições voltadas a campos distintos do conhecimento, é de se notar, inicialmente, a organização da *Sociedade Filomática Paraense* (1866), para, em seguida, ter-se a instituição do *Museu Etnográfico e de História Natural* (1871) – depois *Museu Paraense Emílio Goeldi*.<sup>40</sup> Em 1894, foram dados os passos necessários para a constituição da *Mina Literária*, sem dúvida, como será visto, um dos mais visíveis espaços de significação social e cultural na Belém da *belle époque*. No processo formatador de um novo cenário social, como o foi o da *belle époque*, a constituição de um campo intelectual expressivo e atuante tornara-se um dos componentes da modernidade, um espaço onde, em tese, as ideias e as práticas responderiam pelas exigências de um novo e dinâmico tempo. Fica evidente, assim, que na Belém da borracha ciência e literatura eram pensadas como atributos e virtudes do sujeito social de um mundo novo, e no qual Progresso e Civilização revelavam-se como imperativos categóricos da História.

<sup>40</sup> CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Peter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos*.

As dinâmicas que levaram à instalação, em janeiro de 1895, da associação cultural *Mina Literária* revelam que a constituição de uma corporação de homens de letras era estratégica à definição de um campo intelectual socialmente representativo, reconhecido e legitimado na Belém cosmopolita e mundana do final do Oitocentos. Natural, nesse sentido, que a *Mina Literária*, reunindo um “grupo de moços talentosos”, formasse “uma organização toda especial [que] devia afrontar a burguesia chata, numa terra onde só se cuida de câmbio e de borracha”. Ostentando tal identidade, era de se esperar, segundo os seus arautos, que a associação intelectual não ficaria “incólume às ferroadas dos medalhões incompetentes que viam nela uma farsa e nos seus membros um grupo de ridículos e tolos...”. O que interessava aos *mineiros*, além do culto às letras e à escritura, era também fazer “o Pará intelectual conhecido em todo o sul do Brasil e no estrangeiro”, elevando, assim, “as letras nortistas”.<sup>41</sup>

Uma das principais figuras desse movimento, J. Eustáquio de Azevedo, bem define a figura do intelectual, mas, sobretudo, do polígrafo, do escritor de muitas narrativas que dominou os cenários letrados do Brasil urbano do final do século XIX, em particular do Rio de Janeiro nos anos da *belle époque* carioca. Artigos, crônicas, conferências, poesia, novelas, e mais traduções de escritores ingleses e franceses, saíam da pena de Jacques Rolla, pseudônimo por muito tempo usado por Eustáquio de Azevedo. A reforçar a sua identidade como cenáculo das letras, a própria *Mina Literária* possuía a sua revista, intitulada *A Revista*, veículo de divulgação de trabalhos de seus *mineiros*.<sup>42</sup>

O aparecimento da *Mina Literária* foi registrado e enaltecido naquela mesma oportunidade nas páginas de *O Paiz*, do Rio de Janeiro, precisamente por revelar o esforço dos homens de letras que, observados pelo óculo assestado da Capital Federal, tocavam a vida intelectual de um Brasil periférico, ainda carregando as marcas da sua condição provincial. Esses homens de letras formavam uma espécie de cruzados da literatura e do saber nos limites impensáveis do país. A *Mina Literária* mantinha uma organização marcada por uma certa forma de esoterismo, relacionando-a à terra profunda e os seus membros à qualidade, ao valor dos minerais nobres, das gemas raras e preciosas. A *Mina Literária*

<sup>41</sup> AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica*, p. 20.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 31.

ria mostrava-se simbolicamente próxima dos ideais de uma filantropia maçônica e... carbonária. Seus quadros reuniam a quase totalidade dos homens de letras de Belém, reconhecidos por seu papel intelectual e por sua identidade social. *Mineiros* eram também, na condição de membros honorários, homens de Estado como Lauro Sodré, governador do Estado (1891-1897), Serzedelo Correia, Paes de Carvalho, Américo Santa Rosa, Tito Franco de Almeida, e ainda o Barão de Guajará e o Barão de Marajó, todos sócios honorários da *Mina Literária*,<sup>43</sup> o que emprestava à associação cultural uma legitimação política de fato.

Bem mais do que uma sociedade de *dilettanti*, a *Mina Literária*, nos quatro anos de sua existência (1895-1899), procurou manter uma atividade editorial correspondente à sua identidade social, atividade expressivamente significativa considerando-se as dificuldades editoriais num mercado fora do eixo livreiro de Rio de Janeiro e São Paulo. Afinal, o livro era um produto, um bem de mercado, regida a sua existência pelas leis da oferta e da procura, da venda e da compra. Dos títulos dados à estampa sob a chancela da *Mina Literária*, alguns indicam a presença, o consumo e a redefinição textual do naturalismo de Zola em meio aos intelectuais de Belém, como o fez, aliás, o próprio Eustáquio de Azevedo. Outros títulos publicados revelam o gosto eclético da época, marcado pela crônica, pelo texto, pela poesia de circunstância, formas, em última análise, das fantasmagorias estéticas que a *belle époque* produziu para o *divertissement* nos salões da cultura mundana do tempo.

Quase sempre sob a presidência do governador Lauro Sodré, o colegiado da *Mina Literária* realizava um sem-número de sessões, geralmente solenes, para receber visitantes ou para conceder o título de sócio honorário da agremiação, sem falar, é claro, da comemoração das datas magnas da história brasileira. Momentos expressivos foram, por exemplo, a concessão do título de sócio honorário a João Lúcio de Azevedo, já então comendador, e a celebração da visita, em 1899, de Coelho Neto a Belém, o que levou a agremiação a editar um livro intitulado *Coelho Neto e a Mina Literária*, distribuído na sessão que homenageou o autor de *A Capital Federal*. Nesse mesmo ano a associação fechava as suas portas, em parte pela concorrência que experimentou de uma nova agremiação de homens de

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 21.

letras, o *Centro Literário Amazônico*, em parte, diz um de seus dirigentes, pelos efeitos da política local.

Em outras palavras, findo o governo de Lauro Sodré, em 1897, a *Mina Literária*, leia-se, a representação institucional mais visível do campo intelectual da Belém da *belle époque*, acusou a mudança. Seus integrantes ressentiam-se pela perda das relações que antes mantinham com o Estado. Manifestavam, assim, a sua fragilidade institucional diante de outras realidades que dominariam o campo político, haja vista que o novo governador, Paes de Carvalho, seria próximo do intendente Antônio Lemos. Marcadas pela orgânica do poder, as relações entre o campo intelectual e o campo político foram, no Pará de então, reflexivas do quadro de força e de mando, a exemplo do que se verificaria no Rio de Janeiro do começo da República, sobretudo depois da abertura da Academia Brasileira de Letras (1897).

Para os dirigentes da *Mina Literária*, uma agremiação de letras que, e assim mostrou-se mais acima, mantinha em seus quadros honorários as lideranças políticas mais expressivas do Pará, o fim do governo de Lauro Sodré instalou um novo tempo nas relações entre os seus escritores e o Estado. Para um Eustáquio de Azevedo, seu grande artífice e principal dirigente *mineiro*, “nessa fase tenebrosa, no Pará, os intelectuais de diferentes credos não podiam nem cumprimentar-se...”.<sup>44</sup> Essa “fase tenebrosa” representava o choque político entre Lauro Sodré e Antônio Lemos, o confronto entre *lauristas* e *lemistas*, já claramente definido em 1899, quando a *Mina Literária* fechou suas portas. Passados estavam dois anos da investidura lemista à frente da administração municipal de Belém!

Na virada do século XIX para o XX, durante o consulado do intendente Antônio Lemos (1897-1911), os investimentos do Estado na modernização urbana de Belém, com suas largas avenidas, jardins, praças e monumentos, e mais serviços de saneamento e higiene conferiam uma feição cosmopolita à cidade. A exemplo do que também faria Pereira Passos no Rio de Janeiro, Antônio Lemos, na capital do Pará, era um cruzado contra a *barbárie* e o *atraso*, o que também se manifestava no combate aberto aos grupos populares e de baixa renda do

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 30 e s.

centro da cidade,<sup>45</sup> forçando-os a procurar os subúrbios da capital.<sup>46</sup> A partir do final do Oitocentos, o centro de Belém seria dominado por uma arquitetura refinada, elegante, eclética, na forma de construções que contavam, não raro, com arquitetos e matérias-primas procedentes da Europa.

Esse cenário, ajustado aos paradigmas do Progresso e da Civilização, tão caro às elites instaladas na sociedade e no Estado de um Brasil que se *civilizava*, causava espanto a homens como Euclides da Cunha, que passou por Belém nos albores do século XX. A iconografia do período, sobretudo na forma de cartões-postais, revela, com efeito, a fisionomia de uma cidade que parecia pertencer a um outro tempo e a um distinto espaço. A *belle époque* da Belém da borracha firmara suas imagens, expandira seus mitos, enraizara suas legendas. Como na Paris de Baudelaire, aqui também miseráveis cortavam as avenidas, mas, como proclamava o discurso do Progresso e da Civilização, as conquistas culturais e técnicas do tempo os resgatariam para os domínios da Idade de Ouro...

Passados os anos de ouro da *belle époque* da borracha, estabelecida a crise do lugar do látex amazônico no mercado internacional, Belém herdou lugares da memória do contexto sociocultural de capital da borracha, na forma de seu monumentalismo, da sua estética e também da narrativa do seu cotidiano presente nos jornais e demais publicações da época. É verdade que tais lugares da memória representam ideias, e, assim, são referentes a um momento histórico e a uma dada sociedade e seu recorte, na relação que a memória mantém com a sua própria contemporaneidade. No tocante à borracha, o que se tem buscado é passar da memória à história, vale dizer, busca-se construir a narrativa histórica, teórica e metodologicamente falando, de modo a revelar os muitos discursos e as várias intertextualidades que nutrem as forma da realidade e da imaginação da *belle époque* da Belém da borracha.

<sup>45</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do velho intendente*, p. 101 e s.

<sup>46</sup> SOARES, Karol Gillet. *As formas de morar na Belém da belle époque (1870-1910)*.



REFERÊNCIAS

AFFONSO, João. *Três séculos de modas*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

AZEVEDO, J. Eustáquio. *Antologia amazônica: poetas paraenses*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

BARATA, Manoel. *Formação histórica do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.

BASSALO, Célia Coelho. *O art nouveau em Belém*. Brasília: Iphan, 2008.

BELÉM da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais. Belém: Secult, 1998.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e roseiras*. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1934.

CASTRO, Fábio. Cartografias da modernidade de Belém. In: BELÉM da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais. Belém: Secult, 1998.

CHAVES, Ernani. *No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

COELHO, Geraldo Mártires. Anteato da *belle époque*: imagens e imaginação de Paris na Amazônia de 1850, *Revista de Cultura do Pará*, (16), n. 2, 2005.

\_\_\_\_\_. *No coração do povo: o monumento à República em Belém (1891-1897)*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

\_\_\_\_\_. *O brilho da supernova: a morte bela de Carlos Gomes*. Rio de Janeiro: Agir; Belém: UFPA, 1995.

\_\_\_\_\_. Um pouco aquém da *belle époque* ou quando o *Francesismo* se insinua no Pará oitocentista. In: CUNHA, José Carlos C. da. *Ecologia, desenvolvimento e cooperação na Amazônia*. Belém: Unamaz, 1992.

CRISPINO, Luís Carlos Bassalo; BASTOS, Vera Burlamaqui; TOLEDO, Meter Mann de. *As origens do Museu Paraense Emílio Goeldi: aspectos históricos e iconográficos (1860-1921)*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido: ensaios amazônicos*. Brasília: Senado Federal, 2000.

DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DERENJI, Jussara. *Teatros da Amazônia*. Belém: Prefeitura de Belém/Fumbel, 1996.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto: Manaus – 1890-1920*. Manaus: Valer, 1999.

FRIEDRICH, Otto. *Olimpia: Paris no tempo dos impressionistas*. São Paulo: Companhias das Letras, 1993.

GRUZINSKI, Serge. *Lês quatre parties du monde: histoire d'une mondialisation*. Paris: La Martinière, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LANGLE, Henry-Melchior de. *Le petit monde dès cafés et débits parisiens*. Paris: PUF, 1990.

LASKI, Harold J. *O Manifesto Comunista de 1848*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MEIRA FILHO, Augusto. *Antônio José de Lemos – o plasmador de Belém: em defesa de um nome*. Belém: Grafisa, 1978.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses: estética antiburguesa: 1830-1848*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. *Mundialização e cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RACINE, Nicole; TREBITSCH, Michel (Dir.). *Sociabilités intellectuelles: lieux, milieux, réseau*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, 1992.

REGO, Clóvis Moraes. *A Mina Literária Nortista de Eustáquio de Azevedo em “O Pará Literário de Theodoro Rodrigues”*. Belém: Editora da UFPA, 1997.

RIBEIRO, De Campos. *Gostosa Belém de outrora*. Belém: Secult, 2005.

ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época: história política do Pará*. Belém: Cejup, 1996.

SALLES, Vicente. *A música e o tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

\_\_\_\_\_. *Música e músicos do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

\_\_\_\_\_. *Sociedades de Euterpe: as bandas de música no Grão-Pará*. 2. ed. Brasília: Edição do Autor, 1985.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a belle époque: 1870-1912*. Belém: Paka-Tatu, 2000.

\_\_\_\_\_. *Memórias do velho intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830-1930*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOARES, Karol Gillet. *As formas de morar na Belém da belle époque: 1870-1910*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de História Social da Amazônia. Belém: Universidade Federal do Pará, 2008.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*. Rio de Janeiro: Civilização, 1963.

VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

WEBER, Eugen. *França fin de siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência: 1850-1920*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1993.

#### FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

AVÉ-LALLEMENT, Robert. *No rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

\_\_\_\_\_. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 2 v.

AZEVEDO, J. Eustáquio de. *Literatura paraense*. Belém: Instituto Lauro Sodré, 1943.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.

BRAGA, Theodoro. *Noções de corographia do Estado do Pará*. Belém: Empresa Gráfica Amazônia, 1919.

COUDREAU, Henri. *Les français en Amazonie*. Paris: Picard-Bernheim et Cie., 1887.

DUQUE-ESTRADA, Osório. *O Norte: impressões de viagem*. Porto: Char-dron, 1909.

MARAJÓ, José Maria Coelho da Gama; ABREU, Barão de. *As regiões amazônicas: estudos chorográficos dos Estados do Grão-Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de Libânio da Silva, 1896.